



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.ª  
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talhoba — Lisboa — Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Parlamentarismo e Sindicalismo

Apreciando o problema do parlamentarismo apenas sob o ponto de vista da competência, já aqui mostramos que uma das características essenciais da constituição parlamentar é precisamente a maior incompetência estrutural para tratar qualquer espécie de problemas. É claro que nos não referimos exclusivamente a este nosso parlamentarismo composto de «patres dables piteux, miteux, marteux et calamiteux», como diria o bom de M. Choulette, pela pena apurada do grande Anatole, se a um e outro fosse dado contemplá-los em dias de expansão bom humor. Não. Nós vemos o problema dum modo muito geral, estudando a instituição parlamentar, os seus vícios de estrutura, os seus defeitos orgânicos, e não este ou aquele outro parlamentar em especial. O novo parlamento é apenas um exemplo — um curioso exemplo, vamos lá.

Sob muitos outros aspectos podemos condenar essa decadente instituição. Assim, podemos facilmente mostrar que o Parlamento, o órgão essencial das democracias, não pode assegurar a efectivação dos seus princípios da soberania popular, base fundamental — pelo menos teoricamente — das instituições.

Mas deixemos por agora esses outros aspectos de problemas e vamos lá à questão da competência. Porque este aspecto não interessa apenas a uma classe. A pequena burguesia, as profissões liberais, as classes médias, em suma, igualmente que perder com esta enorme incompetência administrativa. Os grandes potentados da finança interessam-se pela conservação de semelhante estado de coisas.

Para estes os parlamentares serão tanto melhores quanto mais incompetentes e venais, porque serão nas suas mãos, um instrumento facilmente manobrável ao sabor dos seus insaciáveis apetites.

É assim que nas modernas democracias a soberania popular é uma pura ficção. O Povo é o Soberano. Mas quem governa, de facto, são os poderosos banqueiros, os grandes industriais e os riquíssimos comerciantes. Deputados e ministros são meros figurantes do cenário político, dirigidos e fiscalizados de perto pelos potentados da finança.

Postas as coisas nestes termos, pode dizer-se afortunadamente que a parte penante da grei de há muito, condeçou o regime parlamentar e deseja vê-lo substituído por qualquer coisa que dê garantias de competência na administração daquilo que a todos interessa. É preciso que ao regime parlamentar suceda um outro que, sob o ponto de vista em que temos vindo encarando o problema, ofereça garantias de competência nas suas resoluções.

Há uma parte conservadora da opinião pública, a parte sã, honesta e capaz de raciocinar, que não tem ideias assentes a este respeito. Detesta o parlamentarismo, sobretudo porque este é o regime que mais facilita o triunfo dos aventureiros sem escrúpulos e dos profissionais sem competência. Mas tem receio das reformas, que poderiam levar as coisas demasiado longe, neste plano inclinado de revoluções apenas iniciadas, e ainda se apavoram quando ouvem falar de sindicalismo, como se duma nova demagogia se tratasse, porventura mais grosseira e violenta que essa que por aí se estadeia há anos.

Ora é conveniente mostrar a esta parte honesta da opinião conservadora, que o sindicalismo e demagogia são coisas perfeitamente antagónicas. Numa sociedade organizada sob os moldes sindicais há liberdade e personalidade do indivíduo na colectividade serão respeitadas escrupulosamente. A própria estrutura da organização sindical impossibilita o triunfo dos aventureiros e dos profissionalmente incapazes. E, sobretudo, o sindicalismo, deixando aos técnicos e aos profissionais a missão de se pronunciarem e resolverem sobre todos os assuntos que a sua profissão digam respeito, o sindicalismo, dizíamos nós, garante por uma forma eficaz a competência das deliberações tomadas. Que os médicos resolvam as questões de higiene e salubridade pública por intermédio das suas associações de classe; que os professores se deixem a missão de deliberar sobre tudo o que respeita à organização do ensino, aos operários e técnicos sobre a produção nas respectivas indústrias.

Cada classe tem competência profissional para tratar do que a sua profissão diz respeito. E por isso se deve abster de meter foice em seara alheia, intrusando-se na discussão de problemas relativos a outras profissões. A não ser, é claro, para determinar as possibilidades económicas de efectivação de tal ou tal medida.

O sindicalismo, em oposição ao parlamentarismo, é, pois, a fórmula social que melhor garante a supremacia dos mais aptos e o triunfo das competências. Numa sociedade organizada de harmonia com os princípios sindicais não mais se daria o absurdo de ser resolvida, por exemplo, a questão universitária por uma assembleia onde abundavam os médicos, advogados, comerciantes, jornalistas, etc., mas onde escassejavam os profissionais com competência se poderiam pronunciar sobre o assunto.

Que os intelectuais bem intencionados e a parte sã da opinião conservadora se compenem desta verdade e não mais receiem o sindicalismo, que respeitará os direitos de todos cujo objectivo não seja viver parasitariamente à custa da sociedade.

### EM ESPANHA

A situação em Barcelona. — A agitação social.

MADRID, 29. — Acaba de chegar o governador de Barcelona. Conferenciou com o presidente do conselho e com o ministro do interior, informando-os do estado dos conflitos sociais e dizendo que as autoridades são favoráveis ao levantamento do estado de sítio. Apesar de considerar como epidémica a agitação social de Barcelona, o governador não traz mais impressões, e espera chegar a obter a solução pacífica da situação. Vai ter mais reuniões com o governo afim de fixar a data da cessação do estado de guerra e de resolver sobre as medidas a tomar para a solução dos conflitos sociais.

Coristas que formam um sindicato. MADRID, 29. — Um telegrama de Barcelona diz que os coristas dos teatros formaram um sindicato, para pedir aumento de salário.

«Louc out» em Tarragona. MADRID, 29. — Algumas indústrias de Tarragona declararam-se «louc out», como represália contra a «boicotage» dos operários de algumas casas de patrões.

A favor de Villalonga. VALLADOLID, 28. — As Associações operárias desta localidade, reunidas em Congresso, resolveram pedir o indulto de Villalonga e saudar os trabalhadores catalães pela sua atitude ante a soberania do patronato. — H.

Greve geral em Madrid? MADRID, 31. — Os elementos dirigentes das sociedades operárias efectuaram

uma reunião, na qual foi resolvido fazer certos pedidos ao governo, e no caso de que não os atendam, resolverem declarar a greve geral com todas as suas consequências. — H.

O que por cá não se faz. LONDRES, 23. — Tendo sido aceites as propostas de sir Geddes, está definitivamente afastada a greve dos ferroviários. — H.

Consequências da guerra.

A fome na Baviera. ZURICH, 29. — A situação alimentar da Baviera é desesperada. Receiam-se, por isso, novas desordens.

NA ITÁLIA.

ROMA, 20. — Desmente-se que haja crise ministerial. Apenas o ministro da guerra frizou a necessidade de impedir a campanha do jornal socialista «Avanti» contra o exército.

BELA KUN.

VIENA, 27. — O governo húngaro reclamou a extradição de Bela Kun e dos seus companheiros. — H.

O arquiduque José.

BUDAPEST, 29. — O arquiduque José fez publicar uma mensagem declarando finda a sua missão. — H.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Leite

A modos que não há negócio mais rendoso que este de vender a água aos litros, com o nome de leite, em casotas da Baixa, pintadas a branco. Prova-o o facto de pedir-se pelo trespassado de estabelecimentos deste género quantias fabulosas, que vão de dez até cem contos. É já velho chamar-se ao público a criança eterna; e é talvez por de uma criança se tratar, que assim tem costume o leite numa escala capaz de enriquecer em meia dúzia de dias os vendedores dessa pisorga desordenada, transalada, que pra' se fornecer, pisorga que nem longinquamente viu teta de vaca. Teta que pingue, não há outra como a resignação do consumidor. Que o digam os senhores leiteiros.

### Aviação

Andam agora cruzando o espaço, em variadíssimas direcções, dezenas de aviadores, a alongar cada vez mais os seus percursos, em vãos cada vez mais aventureiros. O progresso não pára, e crível é que, antes transcorridos, seja o aeroplano um trivialíssimo meio de locomoção. Vós de laro, dia a dia recomoção, a perspectiva de um desastre consequente apenas atar a ousadia invencível do homem. Juntado à terra, já hoje ele consegue, ultrapassando as nuvens, elevar-se gloriosamente no espaço. As leis da natureza... Como elas servem os aventureiros que sabem do má-las!

### Senhor da Serra

Passou ontem o dia consagrado à romaria follesca da quinta de Belas. Dia de rija pândega noutras eras, na festa popular por excelência, filhas de carripas gualhantes, nos homens a jaqueta domingueira, nas raparigas as blusas garbadas, uma vozeria alacre em cada rancho, dos que se espalhavam por sob os arvoredos da quinta manducando os farneis, postos à fresca. Hoje tudo mudou porque as dificuldades crescentes da vida aguarum pouco a pouco as possibilidades de regozijo de cada um, tam certo é que as dificuldades económicas despoetizam tudo. Passou ontem o Senhor da Serra e a modos que teve certa concorrência a festarola. Mas já os farneis não apresentavam aquela fartura dos tempos idos, nem a romagem conservava o antigo cunho de esultante alegria, despreocupada e franca, de pessoas a quem a vida decorria serena e leve. Isto apesar de andarem agora os salários operários rivalizando com as rendas de Rothschild — segundo diz aqui o visinho burguês.

## II Congresso Operário Nacional

Tendo terminado a greve ferroviária, reúne hoje pelas 21 horas, a comissão organizadora do II Congresso Nacional Operário, a realizar-se em Coimbra, a fim de tratar de assuntos de grande importância.

## Prevenção

Na prevenção que ontem publicamos, de um indivíduo que apareceu em Lisboa dizendo-se militante operário, esqueceu-nos acrescentar que o tal camaradinho é espanhol, tendo-se apresentado, quando pela primeira vez esteve em Lisboa, como operário mecânico e dizendo-se, desta vez, pintor artístico.

De novo recomendamos aos sindicatos operários, assim como a todos os camaradas, a maior cautela com essa criatura, que tanto pode ser um aventureiro como um polícia.

## A Sérvia e a paz

BUCAREST, 29. — O governo sérvio manifestou à conferência da paz o seu desejo de proceder a um plebiscito.

BELGRADO, 29. — A câmara significou expressivamente o seu propósito de manter boas relações com os vizinhos e conservar a paz balcânica.

## A batalha naval de Cronstadt é desmentida pelos russos

Diariamente recebemos notícias de afundamento de barcos russos, de incêndios de povoações pela esquadra inglesa e de acontecimentos que afirmam que os revolucionários russos foram completamente derrotados e que as defesas de Cronstadt estão completamente destruídas. Porém, um radiograma do governo russo, de 23, publicado em alguns jornais estrangeiros, desmente que tenham sido metidos a pique vários navios russos, nos combates navais de que se fala.

O referido radiograma termina com as seguintes palavras: «A notícia propagada não se parece nada com a realidade. O couraçado Andrei Perovskiy sofreu uma ligeira avaria que pode reparar-se nalguns dias e não altera a sua potência combativa. O Pedro Panosky e outros barcos não sofreram o menor dano.»

Trabalhadores lede e propagai

## A Casa dos Trabalhadores

### Os primeiros alvitres

Não foi em vão que o nosso camarada Eduardo Freitas lançou estas colunas o seu alvitre, para a aquisição, custeada por uma subscrição nacional operária, de uma sede, própria das principais organizações operárias e das oficinas e escritórios de A Batalha. Já há alguns dias que tínhamos em nosso poder vários alvitres sobre esse alvitre, que não temos publicado devido à falta de espaço com que lutamos. Durante os dias que se seguiram à recepção dos primeiros alvitres, muitos foram os que tombaram sobre a nossa mesa de trabalho e a que iremos dando publicidade na medida do possível.

Um operário da construção civil é de opinião que se faça um orçamento, o mais possível aproximado, do custo do prédio, das modificações a introduzir, da compra do mobiliário e das alterações a introduzir nos diversos serviços da Batalha. Far-se-ia, depois, uma emissão de acções de 1 escudo, que perfizessem essa quantia, e que seriam lançadas entre o operariado.

O camarada António Ribeiro, carpinteiro, alvitra que para a construção do prédio cada operário contribua com \$25 por semana (os adultos) e \$15 os rapazes.

Justo Guedes acha mais prático que o produto das subscrições seja entregue por intermédio das associações de classe e em prestações semanais, a fim de facilitar o pagamento.

O camarada Alberto Monteiro, escreve-nos o seguinte: «Quanto à ideia da Casa dos Trabalhadores alvitro uma convocação de todas as direcções de sindicatos, pois dos seus cofres algo pode vir; enquanto ao dia de salário por mês, estou de acordo, pois farei de conta que vou todos os meses passar um dia ao picadeiro do Carmo. Eis o que penso, não ultrapassando as dez linhas da ordem.»

O camarada Herculano Coelho é de opinião que sejam nomeados, pelos sindicatos, delegados em todas as oficinas e obras; que cada trabalhador contribua no fim do mês com cinquenta por cento de um dia de salário; que para facilitar a vontade de todos os trabalhadores, eles possam dar, de livre vontade, qualquer quantia com a condição de no fim de cada mês ficar satisfeita a quantia estipulada.

Os que concordam com o alvitre.

O operário fabricante de calçado, sindicado, Caetano Mário Fernandes, escreve-nos aplaudindo em termos repassados de entusiasmo o alvitre de Eduardo Freitas e enviando 1 escudo como primeira prestação.

Alvaro Ferreira, sócio n.º 799 da Secção da Construção Civil de Palma, envia-nos também o seu caloroso aplauso. Do operário servente Francisco Gonçalves, recebemos uma carta onde afirma o seu incondicional apoio à ideia da Casa dos Trabalhadores.

De uma comissão de gráficos das oficinas do nosso colega A Manhã recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor. — Apreciando com a devida atenção e interesse o al-

vitre, sem armas de fogo, para um parque da cidade. Acudiram os oficiais que lhes ordenaram que formassem, mas não foram obedecidos, proseguindo os rebeldes na sua atitude. Foram precisas muitas exortações, para conseguirem em enviar uma deputação ao general Blackader, comandante em chefe das tropas do distrito militar de Southampton. Blackader assegurou a delegação dos amotinados, que os seus temores careciam de fundamento e o outro para as margens do Reno. A deputação regressou ao parque e deu conta do resultado da sua entrevista com o general. Numerosos soldados, então, regressaram aos seus acantonamentos. Porém, uns trezentos amotinados continuaram no parque, dizendo que não se fiavam nas palavras de Blackader e que necessitavam duma promessa por escrito.

Durante a noite, foram fazer companhia aos soldados rebeldes, milhares de operários e pequenos burgueses de Southampton e delegados dos sindicatos operários daquela cidade. Houve discursos e manifestações que a polícia contemplava filosoficamente. Os soldados exibiam grandes cartazes, onde havia escrito em letras enormes: «O War Office diz que só os voluntários irão nas expedições à Rússia. Por que nos mandam a nós, soldados do efectivo, para o Mar Negro ou Múrmão? Não iremos.»

No outro dia pela manhã, os insurrectos foram cercados por um batalhão do Royal Sussex, chegados de Portsmouth. Algumas metralhadoras foram apontadas para o parque e, vendo os rebeldes que estavam prontas a fazer fogo, deliberaram render-se. Os cabecilhas foram algemados e enviados, em carros, para o cárcere. Os outros, a pé,

vitro do camarada Eduardo Freitas, publicado nos números de 21 e 22 do corrente do nosso jornal, três componentes do quadro tipográfico do jornal A Manhã, abraçando com todo o entusiasmo a ideia, desde logo tomaram a liberdade de constituir-se em comissão para trabalhar no sentido de contribuir com o máximo esforço a fim de que a proposta-alvitre do camarada Freitas, coberta de adesões, se torne um facto e possa levar-se à realidade. Assim, participamos ao camarada redactor que a comissão já conta alguns aderentes no referido quadro e concorda em absoluto, não só com o espírito da proposta, como também com a data (6 de setembro), para início das respectivas cotizações.

Bem sabem os comissionados, por experiência própria, que o operariado português devido a uma série de factores criminosos, já bem conhecidos, vive de forma que, para secundar tam sublime ideia, terá de fazer, a par de tantos outros, um enorme, mas nobre e proveitoso sacrifício.

Mas como também é certo que quer é poder metem todos os operários conscientes ombros a essa tarefa e, com organização bem metódica, boa vontade e energia, realizaremos uma coisa que, segundo o nosso critério, se impõe como de absoluta necessidade.

E, assim, ficou assente que a nossa cotização será de um escudo por mês e por camarada, pago em quantias semanais enviadas todos os meses, em globo a quem de direito, remetendo a primeira verba no próximo dia 6 de Setembro.

À frente da emancipação do proletariado, e saúde e solidariedade. Lisboa, 26 de Agosto de 1919. — A Comissão.

Alfredo Ramiro Pereira, envia-nos também a sua adesão declarando-se disposto a contribuir mensalmente com 1500.

Américo Vilar, preso por questões sociais, no Limeiro, grupo B, envia-nos a seguinte carta:

Presado camarada. — Simpatizando em tudo com a vossa proposta, que bastante me alegrou, para a construção da Casa dos Trabalhadores, mesmo preso ansio pelo mês de Setembro, para poder concorrer com a minha parte e oxalá que todos os trabalhadores que se presam da ser conscientes não hesitem em prestar o seu auxílio para a sede própria da nossa querida Batalha e da União Operária Nacional.

Camarada. Oxalá que o seu alvitre seja compreendido por todos.

Vão chegando, pois, as adesões e os alvitres. Necessário é que todos os que tenham uma ideia, sobre o importante alvitre de Eduardo Freitas, não deixem de trazer a público, a fim de que o operariado veja qual a melhor forma de realizar uma boa aspiração.

Todavia, os aplausos e alvitres que acima inserimos, demonstram bem o entusiasmo que lava entre as classes trabalhadoras, entusiasmo que é necessário fazer aumentar, devendo todos os proletários conscientes fazer a máxima propaganda da Casa dos Trabalhadores, entre os seus camaradas.

## O POVO INGLÊS contra a intervenção na Rússia

Dois regimentos em revolta. — A opinião pública indignada com o bombardeamento de Cronstadt

Do número de El Sol, ontem chegado a Lisboa, recordamos os seguintes interessantes informes debrá da atitude do povo britânico perante a intervenção do governo do seu país, nos negócios internos da República Socialista Russa:

Quasi ao mesmo tempo que a notícia de que os elementos da vanguarda do general Denikine, ajudados pela esquadra aliada do Mar Negro, obrigaram os bolchevistas a evacuar Odessa, chega uma informação relativamente sensacional, dum sucesso sintomático ocorrido em Southampton, (Inglaterra). Este acontecimento causou em todo o Reino Unido emoção profunda. É uma nova demonstração de que a política de intervenção na Rússia adoptada pelo governo inglês, apesar das suas declarações no parlamento, tropeça, na maioria da população, com uma manifesta hostilidade.

Num dos quartéis de Southampton estavam alojados o regimento de infantaria de Warwick e o regimento de infantaria de Gloucester, ambos formados por veteranos que se bateram admiravelmente na frente ocidental. Os coronéis desses regimentos receberam ordem do War office para embarcar. Warwick devia ir para o Egipto, Gloucester para França. Apenas souberam os soldados que era preciso abandonar a Inglaterra, reuniram-se nos pátios e começaram a discutir em voz alta a medida. Diziam que os enganavam e que o vapor os levaria para a Rússia para que combatessem os bolchevistas. Depois de um comício ao ar livre, deliberaram insurreccionar-se e marcha-

## A Rússia dos Soviotes e os povos do mundo

Ainda há pouco a imprensa burguesa dava Máximo Gorki, o cantor máximo das desditas do povo slavo, vítima dos revolucionários russos, que o teriam fuzilado. Hoje publicamos um magnífico artigo do grande escritor, artigo que transcemos de Vie Ouvrière, o órgão mais revolucionário do proletariado francês. Fazemos essa transcrição principalmente para aqueles que não concordam com a Revolução Social Russa, sendo a sua discordância, porém, sincera. Util é, pois, dar à estampa um documento que bastante pode esclarecer as suas dúvidas.

O comício internacional de 19 de Dezembro foi a festa do proletariado russo e bom seria que esse grande dia da Revolução russa se conservasse por muito tempo, para sempre, na memória dos operários.

Não é que os discursos tenham sido de grande importância, não é que tenham sido novas e profundas as palavras ditas ao povo russo pelos representantes das diferentes nações da Europa e da Ásia; o que importa e tem significação é o sentimento de calorosa confiança em relação à Rússia trabalhadora, e a perfeita compreensão da sua função histórica, manifestada por 23 oradores.

Indus, coreanos, ingleses, persas, franceses, chineses, turcos e outros mais, falaram, de facto, sobre um único tema: o do imperialismo.

Na sua cupidez, entregando-se, até a loucura, até a vergonha, ao massacre, o imperialismo saciou-se do sangue dos povos que trazia como embriagados e cavou a própria tumba, revelando a todos os trabalhadores do mundo, com uma evidência flagrante, a sua desumanidade e o seu cinismo.

Mas, volva a dizer, não é nessa crítica da velha ordem social, já conhecida e familiar para os ouvintes das massas proletárias, não é no veridito da equidade internacional pronunciado contra um bando de malfeteiros, que está o significado essencial do comício.

Esse significado reside na unanimidade de maneira de sentir com que foram proferidas as sílabas dos mortos, quanto ao passado, com que foram dirigidas alegres boas-vindas à Revolução russa regeneradora, chamando em seu socorro todos os povos da terra e chamando-os a ela, por seu turno, em socorro dos trabalhadores de todo o mundo. Em todos os discursos sentia-se vibrar a certeza de que a Rússia, tendo a determinação de que a Rússia, tomada a vanguarda do socialismo, desempenhará com honra e sucesso o seu papel, difícil mas grande e arrastará atrás de si todos os outros povos para a criação duma vida nova.

Esses discursos, proferidos em línguas diferentes e animados dum único sentimento, tiveram uma ressonância maravilhosa e sugeriram a convicção de que somente a vontade do povo, racionalmente encaminhada, é capaz de realizar milagres.

E, na verdade, isto não será um verdadeiro milagre? Desde o final do século XVIII o povo da Rússia monarquista cumpria imutavelmente a sangrenta e vergonhosa missão de estrangulador de todos os movimentos emancipadores e revolucionários dos povos do Ocidente e do Oriente. Os nossos soldados bateram-se cegamente contra o exército revolucionário da grande Revolução francesa, por várias vezes esmagaram sem misericórdia os movimentos nacionais revolucionários polacos; em 1848 ajudaram a Áustria monárquica a sufocar a revolução húngara; em 1878-79 mataram a Turquia constitucional; violentaram a Pérsia; atogaram em sangue os movimentos nacionais da China; numa palavra, de-

e escoltados volveram aos quartéis, sem que ocorressem incidentes novos.

O ataque a Cronstadt pela esquadra inglesa do Báltico, originou em Inglaterra uma violenta polémica jornalística que ainda continua. Os órgãos liberais e socialistas revoltam-se contra o governo e perguntam-lhe, indignados, porque intervem a marinha da Grã-Bretanha nas guerras civis que os russos sustentam por questões políticas e sociais que só a eles, na realidade, interessam. Os órgãos conservadores pelo contrário, afirmam que é preciso ajudar o governo russo do Noroeste e as jovens nacionalidades bálticas.

Mas é indiscutível que a grande maioria do país é inimiga de tais aventuras e sem dúvida que os acontecimentos de Southampton farão reflectir Lloyd George e Winston Churchill.

## A BATALHA no Pôrto

Festas no Ateneu Comercial. — Morto por um eléctrico. — Emigrantes presos. — Um aviador.

PORTO, 30. — Prosseguem as festas com que o Ateneu Comercial do Pôrto resolveu festejar as suas bodas de ouro, tendo decorrido bem o bado a 400 pobres e a sessão solene desta noite, em que falou com notável eloquência o professor Bento Carqueja, que a distinta e numerosa assembleia aplaudiu delirantemente.

— Esta manhã um eléctrico apañou em Ermeizem um rapazito, que teve morte instantânea.

— Foram hoje entregues aos tribunais cinquenta e tantos indivíduos que, pretendiam emigrar clandestinamente.

sempenharam o papel de carrascos da liberdade em toda a parte onde se enviaram a avidez, o medo da autocracia.

E eis que hoje se voltam para este povo os corações e os olhos de todos os povos, de todos os trabalhadores da terra; e todos olham para a Rússia com esperança, com uma grande esperança, com a certeza, mesmo, de que ela há-de poder cumprir, digna e poderosamente, a missão de que se encarregou, de ser a força que libertará o mundo das ferrugentas cadeias do passado.

Essa certeza, essa esperança foi expressa, melhor do que por ninguém, pelo camarada Yussupof, representante do Turquestão e de Bukhara; foi ele que, pela forma mais convincente e mais viva, expressou a consciência da significação mundial, planetária, da liberdade russa.

«Não vos queixeis, disse ele, de que a vossa vida seja difícil; haveis compreendido uma obra que exige os maiores sacrifícios, que exige abnegação, uma inquebrantável coragem, um desinteresse e um trabalho incessante». Tal foi o sentido do seu discurso e isto não poderia ter sido dito mais a propósito.

De facto, o trabalhador socialista russo atrai a atenção do mundo. Como se, perante a Humanidade, estivesse fazendo o exame da sua maioridade política, manifesta-se, ante os homens, criador de novas formas de vida. É a primeira vez que se põe em prática, em grande escala, uma tentativa decisiva de realizar o ideal socialista, de corporizar, dentro da vida, essa teoria a que se pode chamar a religião dos trabalhadores.

Compreende-se, portanto, perfeita mente, que a atenção de toda a humanidade, que a atenção se volta para a Rússia; é que nos trabalhamos para toda a Terra, para o planeta inteiro.

E a atenção do mundo trabalhador concentrada sobre o socialista, russo obriga este a manter erguido e firme o seu estandarte, pois que, pela força imperiosa da história, surge como o mestre e o exemplo para milhares, para milhões de homens.

A despeito das suas actuais condições de vida, extremamente difíceis, deve ser animoso, estoico, sensato, generoso, desinteressado e obstinado no trabalho.

Deve saber que, ele próprio, está envenenado com o veneno com que os detentores do poder contaminaram o universo; deve saber que a crueldade e a animalidade para com o próximo e tudo sobre que repousava o velho mundo, lhe inocularam na massa do sangue.

Ele, que, actualmente, é livre, continua a portar-se, pelo que respeita ao trabalho, como um verdadeiro escravo, quando só um trabalho coordenado, obstinado e desinteressado pode arrancar pela raiz tudo o que de hediondo havia no velho mundo.

Não penso, certamente, que estas perturbantes reflexões não tivessem cabimento neste lugar, antes de pronunciados os elogiosos discursos dirigidos ao povo trabalhador russo por ocasião da sua primeira festa internacional.

Camaradas! todos os trabalhadores da terra se voltam para vós, cheios duma esperança vivaz. Desejam ver em vós os homens novos, probos, incorruptíveis, incansáveis na obra de construção dum novo mundo.

Mostrai, pois, à terra inteira, que sois esses homens novos; mostrai ao mundo o que há de melhor, o que há de mais humano em vós: o vosso amor, a vossa generosidade, a vossa magnânima honestidade e como sabeis trabalhar!

Máximo GORKI

— Amanhã vós de Viana do Castelo e passa nesta cidade por debaixo da ponte Maria Pia o tenente aviador Belres, que no biplano «Vila Nova» segue para Vila Nova da Rainha.

## Interesses coloniais

Protesto da população de Gaza contra uma proposta da Associação Comercial de Lisboa

No gabinete dos reporters, no governo civil, foi ontem recebido o seguinte telegrama:

CHAI-CHAI, 25. — Os proprietários, agricultores, comerciantes e demais população protestam energicamente contra a medida violenta, incompatível com as instituições, pedida pela Associação Comercial de Lisboa, relativa ao arranque de toda a cana existente neste região de Gaza.

Durban tem a sua bebida de baixa graduação, denominada «cerveja indígena» que em Maio do ano findo rendeu mais de 2.000 libras sobre a sua produção de milhares de litros.

O Congo Belga proíbe a entrada de vinho colonial de gradação superior a 8 graus e não desajam ter garantia idêntica, colocando-os incondicionalmente ao lado daquela associação no sentido da repressão de bebidas de gradação superior a 8 graus, a exemplo dos restantes países coloniais em que várias bebidas muito prejudicam os indígenas, no número das quais estão o vinho colonial e o conhaque madeirense. Solicitam a transformação do projecto de lei de regulamentação do fabrico, venda e criação da cooperativa açucareira, do ex-governador deste distrito, capitão Luis Ochôa; em poder do governador geral da província.

Este telegrama está firmado por mais de duzentas assinaturas, incluindo todo o comércio da região, com excepção das firmas Manuel Mendes, Valente, Durão Sucessores e Hoffmann, que nos meses corrente importaram mais 9 pipas de conhaque, que, sendo só para consumo dos europeus, chega para mais de 90 anos



